

Marcelo Pereira da Silva  
(Organizador)

DIMENSÕES  
ESTÉTICAS,  
COGNITIVAS E  
TECNOLÓGICAS  
DE COMUNICAÇÃO

Marcelo Pereira da Silva  
(Organizador)

DIMENSÕES  
ESTÉTICAS,  
COGNITIVAS E  
TECNOLÓGICAS  
DE COMUNICAÇÃO

**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



## Dimensões estéticas, cognitivas e tecnológicas de comunicação

**Diagramação:** Daphynny Pamplona  
**Correção:** Mariane Aparecida Freitas  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizador:** Marcelo Pereira da Silva

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

D582 Dimensões estéticas, cognitivas e tecnológicas de comunicação / Organizador Marcelo Pereira da Silva. - Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0082-0

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.820222005>

1. Comunicação. I. Silva, Marcelo Pereira da (Organizador). II. Título.

CDD 302.2

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos - CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa - Paraná - Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

contato@atenaeditora.com.br



**Atena**  
Editora  
Ano 2022

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



## APRESENTAÇÃO

A contemporaneidade nos impulsiona a pensar a Comunicação para além dos lugares-já-feitos, das definições clichês, das repetições teóricas, rompendo com o círculo vicioso que pouco – ou nada – contribui com a construção de um campo consistente e solidificado, equilibrando suas dimensões estéticas, éticas, teóricas, metodológicas, tecnológicas, técnicas, epistemológicas e praxeológicas.

Temos que a Comunicação remete a um universo complexo que se investe e reveste de idiosincrasias que envolvem sujeitos, nações, narratologias, mídias e redes virtuais e de massa, jornalismo, comunicação governamental, publicidade, cinema, produção audiovisual, relações públicas, marcas, consumo etc.

Neste sentido, a obra intitulada “Dimensões estéticas, cognitivas e tecnológicas de comunicação”, reúne investigações teóricas e analíticas de pesquisadores que trafegam pelos campos da comunicação em suas diversificadas áreas e especificidades, erigindo debates sobre os estatutos tecnológicos, estéticos e cognitivos da Comunicação em um contexto cada vez mais midiático e perpassado pelas práticas e experiências de consumo.

O cenário dos estudos comunicacionais evidencia a carência da renovação das condições teóricas, epistemológicas, profissionais e metodológicas da Comunicação e do fundamental laço social, tão frágil nas sociedades expostas aos imprevisíveis ventos do globalismo, da midiática e do consumo. Desta perspectiva, podemos produzir mecanismos analíticos, dados e informações que geram efeitos positivos para as sociedades e comunidades.

(Re)conhecer a relevância da Comunicação para as organizações, as nações e os sujeitos tornou-se *sine qua non* para a compreensão da natureza humana, já que a Comunicação se entrama ao/pelo tecido social, o define, o significa, o ressignifica e o constitui.

Necessitamos admitir os desafios, os desvios e as dificuldades da Comunicação, abraçando as oportunidades de investigações calcadas em suas dimensões cognitivas, estéticas, éticas e tecnológicas em um mundo mergulhado no *tech*, mas, também e mais, necessitado do *touch*, dos afetos.

Marcelo Pereira da Silva



## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

INVESTIGANDO O DISCURSO GOVERNAMENTAL EM CAMPANHA DE SAÚDE: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE DAS UNIDADES DO DISCURSO

Ramirio Costa Ribeiro

Luciana Saraiva de Oliveira Jerônimo


Marcelo Pereira da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8202220051>

### **CAPÍTULO 2..... 14**

MÍDIAS SOCIAIS PARA A INDÚSTRIA CRIATIVA: REFLEXÕES SOBRE POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES DA DICIPA PARA A COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA DA UNIPAMPA

Franceli Couto Jorge

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8202220052>

### **CAPÍTULO 3..... 27**

A INTERFERÊNCIA DA PANDEMIA NO MERCADO DE SERVIÇOS AUTOMOTIVOS, DESDE SEUS CONSUMIDORES ATÉ SEUS PRESTADORES DE SERVIÇOS

Isadora Gualda Macedo


Guilherme Boldrin Medeiros

Vitor Christofolletti Laudares

Gustavo Teixeira Dias Otero

Marco Antonio Martins Teixeira Filho

Vitor Aires Gozzi Nogueira


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8202220053>

### **CAPÍTULO 4..... 38**

DESGUALDADE SOCIAL E PANDEMIA: UMA ANÁLISE DAS FOTOGRAFIAS COMPARTILHADAS PELOS PERFIS @covidphotobrazil e @everydaybrasil

Camila Leite de Araujo

Juliana Lira de Oliveira


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8202220054>

### **CAPÍTULO 5..... 47**

A FOTOGRAFIA E O URBANO: REPRESENTAÇÃO, MÁQUINA E TEMPO

Camila Leite de Araujo

Raquel de Holanda Rufino


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8202220055>

### **CAPÍTULO 6..... 59**

USOS DO ESPETÁCULO COMO ESTRATÉGIA NA IMPRENSA


Beatriz Dornelles

Fabiola Brites

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8202220056>

|   |            |
|---|------------|
| <b>CAPÍTULO 7</b> .....   | <b>72</b>  |
| A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DOS TERRITÓRIOS NA IMPRENSA <i>ONLINE</i> : ESTUDO DE CASO DA REGIÃO DA SERRA DA ESTRELA, PORTUGAL   |            |
| Nelson Clemente Santos Dias Oliveira  |            |
|  <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.8202220057">https://doi.org/10.22533/at.ed.8202220057</a>     |            |
| <b>CAPÍTULO 8</b> .....   | <b>105</b> |
| MTV BRASIL: COMO A LINGUAGEM DA MTV DOS ANOS 90 DIALOGA COM A GERAÇÃO ATUAL   |            |
| Thayse Kiel Truffa<br>Cristian Cipriani   |            |
|  <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.8202220058">https://doi.org/10.22533/at.ed.8202220058</a>     |            |
| <b>CAPÍTULO 9</b> .....   | <b>118</b> |
| A TELEVISÃO TEM FUTURO? UMA ANÁLISE SEMIÓTICA DA ÚLTIMA VINHETA DA MTV BRASIL   |            |
| Darly Gonçalves de Souza Júnior<br>Victor Reis Mazzei   |            |
|  <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.8202220059">https://doi.org/10.22533/at.ed.8202220059</a>     |            |
| <b>CAPÍTULO 10</b> .....  | <b>132</b> |
| SUBSÍDIOS TEÓRICOS PARA ANÁLISE DOS DIÁLOGOS INTERTEXTUAIS, INTERDISCURSIVOS E TRANSMIDIÁTICOS NA COMUNICAÇÃO   |            |
| Denise Azevedo Duarte Guimarães   |            |
|  <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.82022200510">https://doi.org/10.22533/at.ed.82022200510</a>   |            |
| <b>CAPÍTULO 11</b> .....  | <b>143</b> |
| COMPREENSÃO DA RETÓRICA COM CONCEITOS SEMIÓTICOS PEIRCEANOS   |            |
| Gilmar Hermes   |            |
|  <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.82022200511">https://doi.org/10.22533/at.ed.82022200511</a> |            |
| <b>CAPÍTULO 12</b> .....  | <b>155</b> |
| AUDIOVISUAL, TECNOLOGIA E INTERAÇÃO: OBSERVAÇÕES DA SÉRIE DIÁRIO DE UM CONFINADO  |            |
| Carolina Fernandes da Silva Mandaji   |            |
|  <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.82022200512">https://doi.org/10.22533/at.ed.82022200512</a> |            |
| <b>CAPÍTULO 13</b> .....  | <b>169</b> |
| A PARTICIPAÇÃO DO ESPECTADOR NO CURTA IDEOLOGIA, DE JOSÉ MOJICA MARINS: UMA COMPREENSÃO POR MEIO DA NARRATIVA CINEMATOGRAFICA   |            |
| Fernando de Barros Honda Xavier   |            |
|  <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.82022200513">https://doi.org/10.22533/at.ed.82022200513</a> |            |
| <b>CAPÍTULO 14</b> .....  | <b>182</b> |
| COMUNICAÇÃO E ARTE CRÍTICA - DOIS ARTISTAS, DOIS TEMPOS: GOYA E BANKSY  |            |
| Geraldo Magela Pieroni  |            |

Alexandre Ribeiro Martins


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.82022200514>

**CAPÍTULO 15..... 198**

OS DESAFIOS DA INCLUSÃO DA POPULAÇÃO LGBT NO MUNDO DO TRABALHO:  
A COMUNICAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE DISSEMINAÇÃO DAS POLITICAS DE  
DIVERSIDADE

Israel Gomes de Oliveira

Maria de Lurdes Costa Domingos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.82022200515>

**CAPÍTULO 16..... 216**


PROJETO SAIBA MAIS UEPG: AÇÕES NA CONSCIENTIZAÇÃO SOBRE PREVENÇÃO  
ÀS IST's E A GRAVIDEZ PRECOCE

Kauane Chicora

Letícia Prestes

Marcelly Ingles

Cristina Lucia Sant' Ana Costa Ayub

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.82022200516>

**CAPÍTULO 17..... 221**

LIDERANÇA E COMUNICAÇÃO: HABILIDADES QUE TRANSFORMAM PESSOAS EM  
EQUIPES

Raiane Feliciano da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.82022200517>

**CAPÍTULO 18..... 229**

O EFEITO VINGADORES

Carolina Guerra Monteiro

Mirna Feitosa Pereira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.82022200518>

**SOBRE O ORGANIZADOR..... 235**

**ÍNDICE REMISSIVO..... 236**

## SUBSÍDIOS TEÓRICOS PARA ANÁLISE DOS DIÁLOGOS INTERTEXTUAIS, INTERDISCURSIVOS E TRANSMIDIÁTICOS NA COMUNICAÇÃO

*Data de aceite: 01/05/2022*

### **Denise Azevedo Duarte Guimarães**

Doutora em Estudos Literários pela UFPR e Docente Aposentada da mesma IES. Atua como Professora Programa de Mestrado e Doutorado em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná. É Coordenadora da Linha de Pesquisa Estudos de Cinema e Audiovisual do PPGCom/UTP. Integra o Grupo de Pesquisa Comunicação, Imagem e Contemporaneidade- CIC- UTP/ CNPq (parceria CIAC, Portugal) e o GP Representações simbólicas do espaço urbano em narrativas audiovisuais – GRUDES/UTP/ CNPq. Tem inúmeros artigos e capítulos publicados; e vários livros. Associada da ABEC. É Editora Científica da Revista INTERIN. <http://orcid.org/0000-0002-8334-5463>

**RESUMO:** Este artigo efetua um recorte teórico que possibilite a resignificação das metáforas escriturais do pós-estruturalismo europeu, sem deixar de assinalar as abordagens da Análise do Discurso, com Dominique Mainguenu, entre outros autores. Inicia-se com uma reflexão sobre conceitos seminais de Mikhail Bakhtin, Julia Kristeva e Gérard Genette, em busca da viabilidade de sua aplicação teórica e prática às linguagens híbridas das mídias contemporâneas e do cinema, considerando a prevalência do conceito de intertextualidade. São autores que partem de diferentes universos teóricos, mas cujas reflexões giram em torno da ideia de que todo texto é concebido no fluxo ininterrupto de

semiose cultural, uma vez que todo processo de produção sófica sempre lança mão do já feito anteriormente. A retomada, obviamente sintética de conceitos seminais do pensamento de cada um dos referidos teóricos, poderia configurar molduras teóricas aplicáveis aos textos, discursos e narrativas comunicacionais em diferentes suportes. Este recorte teórico-epistemológico privilegia a releitura da obra de alguns pensadores europeus do final do século XX que ainda podem ser considerados fundamentais para a apreensão das sutilezas dos inter/trans/textos midiáticos da atualidade. Tanto a intertextualidade quanto a interdiscursividade são relações dialógicas e existem materializadas em textos caracterizados por formas ecléticas, disjuntivas e paródicas, nas mídias contemporâneas. Acena-se, à guisa de considerações finais, para o conceito das transmidialidades na cultura digital. Nesse sentido, reporta-se ainda à força da emergência de configurações intersóficas que se encontram no cerne das práticas discursivas na cultura da convergência das mídias, à luz de Henry Jenkins, (2009) e Lucia Santaella, (2018).

**PALAVRAS-CHAVE:** Convergências midiáticas. Intertextualidades. Interdiscursividades. Transmidialidades.

### THEORETICAL SUBSIDIES FOR THE ANALYSIS OF INTERTEXTUAL, INTERDISCURSIVE AND TRANSMEDIA DIALOGUES IN COMMUNICATION

**ABSTRACT:** This article makes a theoretical approach that allows the resignification of the scriptural metaphors of European post-

structuralism, without forgetting to point out the approaches of Discourse Analysis, with Dominique Mainguenu, among other authors. It begins with a reflection on the seminal concepts of Mikhail Bakhtin, Julia Kristeva and Gérard Genette, in search of the feasibility of their theoretical and practical application to the hybrid languages of contemporary media and cinema, considering the prevalence of the concept of intertextuality. They are authors who come from different theoretical universes, but whose reflections revolve around the idea that every text is conceived in the uninterrupted flow of cultural semiosis, since every sign production process always makes use of what has already been done. the inter/trans/media texts of the present time. Both intertextuality and interdiscursivity are dialogic relationships and exist materialized in texts characterized by eclectic, disjunctive and parodic forms in contemporary media. As final considerations, the concept of transmedialities in digital culture is mentioned. In this sense, it also refers to the strength of the emergence of intersign configurations that are at the heart of discursive practices in the culture of media convergence, in the light of Henry Jenkins, (2009) and Lucia Santaella, (2018).

**KEYWORDS:** Media convergences. Intertextualities. Interdiscursivities. Transmedialities.

## INTRODUÇÃO

O artigo almeja a atualidade temática, uma vez que contempla o problema, relativamente novo, da inserção dos produtos das novas mídias nas narrativas e discursos, ao mesmo tempo que estabelece interações contínuas e motivadas com obras anteriores. As reflexões desenvolvidas norteiam-se nos princípios teórico-epistemológicos relativos à abordagem dos jogos intertextuais, interdiscursivos e intermediários no cinema e nas mídias atuais.

Justifica-se esta proposta de investigação por força da incontestável riqueza dos diálogos em desenvolvimento, há mais de três décadas, acerca dos procedimentos que envolvem a expansão do conceito de texto em direção ao intertexto e ao conceito de intermídia, no contexto da pós-modernidade. Mostram-se também atuais e relevantes as investigações das convergências e das sinergias concernentes a questões teóricas que colocam o conceito de transmídia no cerne do jogo dos textos de comunicação e das linguagens, desde o início do século XXI.

O objetivo geral é examinar as implicações da cultura e da economia digitais sobre as linguagens, com ênfase na produção cinematográfica e audiovisual da contemporaneidade. Os objetivos específicos concentram-se na viabilidade da aplicação teórica e prática das reflexões e investigações efetuadas às linguagens híbridas das mídias contemporâneas e do cinema, considerando a prevalência do conceito de intertextualidade e seus desdobramentos.

Metodologicamente, o desenvolvimento das investigações apoia-se na apresentação da questão através de indicadores empíricos, além de lançar mãos da contribuição de autores com que dialoga na perspectiva do objeto de possíveis trabalhos e do *corpus* selecionado para análise, com ênfase na produção cinematográfica e audiovisual.

Procura-se articular as hipóteses e premissas levantadas com problemáticas de mercados audiovisuais emergentes e que estão sob os efeitos da mutação digital.

Como resultados esperados, almeja-se se que a retomada dos pressupostos teóricos sobre os pilares conceituais da intertextualidade e a releitura dos conceitos pós-estruturalistas venham permitir a configuração de molduras teóricas aplicáveis aos textos, discursos e narrativas comunicacionais contemporâneos, nos mais diferentes suportes.

## 1 | O TEXTO COMO INTERTEXTO: JOGOS INTERSÍGNICOS

Todo texto possui uma conexão com outros textos e é pensado na intenção de outros textos possíveis, a serem produzidos. Com o surgimento da Análise do Discurso (AD) como disciplina, no final do século XX, o termo “texto” passa a ser entendido como uma ocorrência comunicacional, como registro verbal (ou mesmo não-verbal) de um ato de enunciação. Segundo Dominique Maingueneau: “[...] Isto não quer dizer que todo discurso se manifeste por sequência de palavras de dimensões obrigatoriamente superiores às da frase, mas sim que ele mobiliza estruturas de uma outra ordem que as da frase”. (MAINGUENAU, 2000, p. 52) Em obra mais recente, o autor vai atribuir um valor mais preciso ao vocábulo texto e expandir seu conceito.

[...] este não se apresenta mais unicamente como um conjunto de signos sobre uma página, mas pode ser um filme, uma gravação em fita cassete, um programa em disquete, uma mistura de signos verbais, musicais e de imagens em um CD-Rom (MAINGUENAU, 2008, p. 57).

Como nosso objetivo é trazer para discussão as textualidades que emergem nos cenários das mídias contemporâneas, julgamos mais pertinente entender o conceito como entidade translinguística, tendo em conta o espectro da variabilidade conceitual do termo em sua acepção mais abrangente. Segundo Maingueneau, todo discurso é pensado no bojo de um interdiscurso.

Tal compreensão pode ser corroborada pela pesquisadora Linda Hutcheon, ao afirmar que é sempre a partir de discursos anteriores que o sentido textual é compreendido e estabelece sua importância dentro outros discursos.

Em muitos casos, o termo intertextualidade pode perfeitamente ser muito limitado para descrever esse processo; talvez interdiscursividade seja um termo mais preciso para as formas coletivas de discurso das quais o pós-moderno se alimenta parodicamente: a literatura, as artes visuais, a história, a biografia, a teoria, a filosofia, a psicanálise, a sociologia - a lista poderia continuar. (HUTCHEON, 1991, p. 169).

Acreditamos que as grandes linhas de trânsito envolvidas nos processos comunicacionais hodiernos comportam, ainda, releituras que se mostrem aptas a contemplarem a ressignificação dos conceitos associados às potencialidades intersígnicas das diferentes linguagens, uma vez que as representações midiáticas são entendidas como

articulação, superposição e aglutinação de informações de diferentes tipos; procedimentos esses responsáveis pela expansão da noção de texto em direção ao intertexto.

O conceito de dialogismo nasce com Mikhail Bakhtin (*La Poétique de Dostoïevski*, 1970, Barcelona: Barral Editores), que aponta para duas diferentes concepções do princípio dialógico: a do diálogo entre interlocutores e a do diálogo entre discursos. Para o autor russo, todos os textos são dialógicos porque são resultantes do embate, do confronto entre muitas vozes sociais. Bakhtin reserva o termo dialogismo para o princípio dialógico constitutivo da linguagem e de todo discurso; e vai empregar a palavra polifonia para caracterizar um certo tipo de texto, aquele em que o dialogismo se deixa ver, aquele em que são percebidas muitas vozes. Segundo o pensador, todo texto é atravessado por um outro, ou outros anteriores. Isto é, o texto sempre “fala” o que já foi falado (escrito, expresso); portanto, nenhum discurso tem total originalidade.

A partir dessa possibilidade de múltiplas vozes surge o conceito de polifonia, onde vozes participam do diálogo estabelecido em relação de igualdade e autonomia. Aí reside a essência do dialógico. Segundo o autor,

A orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa. (BAKHTIN, 1988, p. 88).

O pensador russo complementa que “Ser significa comunicar-se pelo diálogo. Quando termina o diálogo, tudo termina. Daí o diálogo, em essência, não poder nem dever terminar” (BAKHTIN, 2010, p. 259).

Mostra-se, portanto, indispensável apontar a relevância dos estudos sobre o pensamento de Mikhail Bakhtin no chamado pós-estruturalismo francófono, bem como sua retomada no universo acadêmico, a partir de 1980 até os dias atuais, o que demonstra sua atualidade, amplitude e abrangência.

Julgamos possível identificar uma expressiva retomada dos estudos da intertextualidade (em sua concepção ampliada aos outros sistemas sógnicos), entre outros conceitos bakhtineanos, como assinalam os organizadores da coletânea de textos teóricos sobre o pensador russo publicada no Brasil em 2010: “Se, durante o ‘descobrimento’ francês, Bakhtin foi colocado, sobretudo, como um teórico da linguagem, posteriormente, ele também foi visto como teórico da cultura e da mídia. Mas essa não é a única diferença.” (RIBEIRO; SACRAMENTO, 2010, p. 10) Os autores contextualizam tal apropriação teórica como uma crítica à hegemonia do estruturalismo (1960-1970), a partir de um novo entendimento de como várias vozes consubstancializam-se simultaneamente nas produções discursivas contemporâneas.

Embora enraizada na teoria da literatura, a noção de intertextualidade, que nasce das propostas dos teóricos da linguagem e de críticos do final dos anos 1960, leva em

conta todo e qualquer texto, verbal ou não. As atualizações de narrativas predecessoras configuram-se também como processo intertextual tal como o caracteriza Marc Eigeldinger “[...] elle [l’*intertextualité*] n’est pas uniquement unetransplantation d’un texte dans un autre, mais elle se définit par un travail d’appropriation et de réécriture qui s’applique à recréer le sens, en invitant à une lecture nouvelle.”<sup>1</sup> (EIGELDINGER, 1987, p.11) Amplia-se, pois, o conceito de texto no horizonte da intertextualidade, que passa a contemplar inúmeros outros domínios, como o mítico e o histórico, como esclarece o autor “Mon projet est de ne pas limiter la notion d’intertextualité à la seule littérature, mais de l’étendre aux divers domaines de la culture.”<sup>2</sup> (EIGELDINGER, 1987, p. 15) Ou seja, um texto constitui-se precipuamente de códigos culturais ou de referências, que são recursos (vozes) convocados para que o mesmo se torne compreensível no momento da leitura.

Em termos dos processos comunicativos, podem ser consideradas intertextuais quaisquer narrativas (ou enunciados) que retomem textos pré-existentes, tais como: filmes que dialoguem com outros filmes, propagandas que se utilizem do universo pictórico, programas da televisão de caráter parodístico, artigos de jornal com remissões a textos filosóficos ou religiosos, histórias em quadrinhos ou games que incorporem relatos mitológicos, entre muitos outros, sempre num jogo de intersecções cronotópicas. Cronotopo é um conceito que fala da relação entre espaço tempo e o diálogo permitido entre eles. Para formulá-lo Bakhtin empresta da matemática e da teoria da relatividade a indissolubilidade da relação entre o espaço e o tempo.

A capacidade de ver o tempo, de ler o tempo no espaço e, simultaneamente, de perceber o preenchimento do espaço sob a forma de um todo em formação, de um acontecimento, e não sob a forma de uma tela de fundo imutável ou de um dado pronto. (BAKHTIN, 2003, p. 217).

Robert Stam (1992) argumenta que o conceito de bakhtiniano de cronotopo nos permite fundir os indicadores temporais e espaciais na unidade do filme, permitindo assim historicizar a questão do espaço e do tempo no cinema. Nessa mídia, o diálogo envolvendo discussões sobre obras anteriores é apresentado de forma visual, muito direta e, aponta para diversos cronotopos anteriores e novos. Esse conceito, pode de certa forma buscar um esclarecimento de alguns aspectos da cultura popular e das mídias em geral.

O conceito de obra estética também é contemplado por Bakhtin. Diz ele:

O objeto estético é uma criação que inclui em si o criador: nela o criador se encontra e sente intensamente a sua atividade criativa, ou ao contrário: é a criação tal qual aparece aos olhos do próprio criador, que a cria com amor e liberdade (é verdade que não é uma criação a partir do nada, ela pressupõe a realidade do conhecimento e do ato, que ele apenas transfigura e formaliza).

1 Tradução: [...] ela [a intertextualidade] não é apenas um transplante de um texto para outro, mas se define por um trabalho de apropriação e reescrita que busca recriar o sentido, convidando a uma nova leitura.

2 Tradução: Meu projeto não é limitar a noção de intertextualidade apenas à literatura, mas estendê-la aos diversos campos da cultura.



(BAKHTIN, 1988, p. 69).

**Pensando em termos cinematográficos, de acordo com Robert Stam, temos que**

[...] o dialogismo intertextual se refere às possibilidades infinitas e abertas produzidas pelos conjuntos das práticas discursivas de uma cultura, a matriz inteira de enunciados comunicativos no interior da qual se localiza o texto artístico, e que alcançam o texto não apenas por meio de influências identificáveis, mas também por um sutil processo de disseminação. O cinema, nesse sentido, herda (e transforma) séculos de tradição artística. (STAM, 2003, p. 226).

Nesse sentido, o artista, em sua poética, tem a capacidade de organização desses diálogos de forma única. A teoria dialógica, com sua conceituação principal e suas derivadas, nos permite o aprofundamento da análise fílmica, por exemplo, contemplando todas as suas interfaces.

Em que pese a diversidade de pontos de partida das propostas teóricas selecionadas como corpus de nosso estudo, um corte sincrônico permite encontrar nelas as mesmas constantes temáticas que nos facultam considerá-las integrantes de um conjunto coerente para a reflexão a que nos propomos, no que concerne ao contexto pós-estruturalista, bem como ao seu questionamento mediante práticas textuais inovadoras e complexas, nas múltiplas telas contemporâneas.

## **2 | A RETOMADA DE BAKHTIN: JÚLIA KRISTEVA E GÉRARD GENETTE**

Em 1969, no livro *Recherches pour une sémanalyse* (edição brasileira de 1974), a pesquisadora búlgara radicada na França, Júlia Kristeva define os fundamentos da intertextualidade, ao explicar que o texto é um cruzamento de textos onde se lê ao menos um outro texto. Segundo ela, o conceito de intertexto:

[...] é uma descoberta que Bakhtin é o primeiro a introduzir na teoria literária: todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é a absorção e transformação de outro texto. Em lugar da noção da intersubjetividade, instala-se a de intertextualidade e a linguagem poética lê-se pelo menos como dupla. (KRISTEVA, 1974, p. 64).

Este se torna o conceito clássico de intertextualidade e Kristeva aparece como referência obrigatória para se pensar a questão, pois foi a primeira a empregar o termo “intertexto”, de raiz latina e que se refere ao ato de tecer, ao entrelaçamento dos fios. A concepção do texto como “escritura-leitura” leva a autora a enfatizar que

[...] toda sequência está duplamente orientada: para o ato de reminiscência (evocação de uma outra escrita) e para o ato de intimação (a transformação dessa escrita). O livro remete a outros livros e pelos modos de intimar (aplicação em termos matemáticos), confere a esses livros um novo modo de ser, elaborando assim sua própria significação. (KRISTEVA, 1974, p. 98).

Segundo Kristeva, a produção textual não ocorre de forma gramatical, mas de

modo paragramático, ou seja, pela fricção dos “gramas” no interior do texto ou com outros gramas situados em outros textos – o que efetiva a abertura do código e a pluralização dos sentidos. Quando um texto estranho entra na rede de escritura, ela o absorve.

Ao tratar da intertextualidade, a autora provocou uma espécie de abalo na ideia estabelecida sobre o autor ser a única fonte do texto, afirmando que, tanto uma mesa posta para um jantar como um poema, sendo sistemas significantes, são constituídos de sistemas significantes anteriores. A autora refere-se, pois, a uma polivalência manifesta, própria da literatura moderna, com seus textos-diálogos, que ela descreve como uma estrutura de “redes paragramáticas” – conceito que, a nosso ver, mereceria ser revisitado em pesquisas sobre os processos discursivos nas mídias contemporâneas. De acordo com a autora,

[...] a ‘palavra literária’ não é um ponto, (um sentido fixo) mas um cruzamento de superfícies textuais, um diálogo de diversas escrituras: do escritor, do destinatário (ou da personagem), do contexto cultural atual ou anterior. (KRISTEVA, 1974, p. 62).

Destarte, na releitura de Mikhail Bakhtin, efetuada por Julia Kristeva, na segunda metade do século XX, está o cerne da teoria da intertextualidade, que levou a uma revisão dos conceitos de imitação e dos próprios gêneros literários, uma vez que todas as formas de referências, implícitas ou explícitas, constituem as possibilidades de significação do texto entendido como produção de sentidos.

Na obra *Palimpsestes. La littérature au second degré*, de 1982, o teórico francês Gérard Genette retoma Bakhtin e Kristeva; e, já no início, propõe um conceito mais amplo que norteia seu livro: “[...] je dirais plutôt aujourd’hui, plus largement, que cet objet est la ‘transtextualité’, ou transcendance textuelle du texte, que je définissais déjà, grossièrement, par ‘tout ce qui le met en relation, manifeste ou secrète, avec d’autres textes (GENETTE, 1982, p. 7).”<sup>3</sup>

Sendo numerosas e decisivas na produção textual, longe de atuarem como compartimentos estanques, as várias formas de relações transtextuais são concebidas pelo autor como complementares, podendo aparecer conjuntamente em dado texto. Em síntese, são elas: 1. Intertextualidade, considerada como a presença efetiva de um texto em outro texto (copresença). 2. Paratextualidade. Etimologicamente, este campo de relações abrangeria título e subtítulo, prefácio e/ou posfácio, notas de qualquer natureza, epígrafes, ilustrações, entre muitos outros. 3. Metatextualidade é a relação de comentário que une um texto a outro texto. 4. Arquitextualidade, que abrange todas as classificações nas quais o texto se inclui, tal como os gêneros e tipos de discurso, modos de enunciação, etc. 5. Hipertextualidade. Abrange toda relação que une um texto (B = hipertexto) a outro texto anterior (A = hipotexto). Segundo o autor, trata-se de uma relação palimpséstica que permite o encontro entre o texto e seus pré-textos.

<sup>3</sup> Tradução: “[...] eu preferiria dizer hoje, de forma mais ampla, que esse objeto é a ‘transtextualidade’, ou transcendência textual do texto, que já defini, grosso modo, por ‘tudo o que o põe em relação, manifesta ou secreta’, com outros textos.”

Procurando a precisão terminológica, quanto às várias formas de emprego dos termos que designam os tipos de hipertextualidade, o autor propõe duas classificações: uma funcional e outra estrutural. A primeira delas contempla as funções satíricas - a paródia, a fantasia burlesca e a charge -, enquanto a segunda seria a não-satírica, em que se situa o pastiche. Já em termos da estrutura (forma) da relação hipertextual, existem a transformação e a imitação.

Na esteira de Bakhtin, Genette inclui a paródia e os demais textos que mantêm uma relação de transformação do texto-matriz, no primeiro tipo; enquanto a charge e o pastiche são considerados textos de imitação. Toda obra aberta e polissêmica seria hipertextual, como afirma o teórico francês, sendo que a hipertextualidade “[...] a pour elle ce mérite spécifique de relancer constamment les oeuvres anciennes dans un nouveau circuit de sens”<sup>4</sup> (GENETTE, 1982, p. 158).

Acreditamos que, se forem entendidos como além de meras classificações, os termos que designam os tipos de transtextualidade apontados por Genette mostrar-se-iam adequados à forma e à função dos produtos analisados; sejam eles os textos literários ou jornalísticos, os programas humorísticos na TV ou charges na mídia impressa, por exemplo, entre inúmeros outros gêneros e subgêneros textuais e discursivos em diferentes suportes. Nas palavras de Genette, cada linguagem carrega seus próprios palimpsestos, ou seja, sob as camadas visíveis, as invisíveis continuam em ação.

### 3 I DA INTERTEXTUALIDADE À TRANSMIDIALIDADE

Para finalizar, trazemos para o cerne das investigações a ubiquidade das relações sinérgicas e colaborativas concernentes às trocas interdiscursivas ligadas ao conceito de transmídia, vocábulo que designa as técnicas e processos da reinserção de uma informação em diversificadas plataformas e que efetua um movimento de expansão e sucessivos desdobramentos intersignícos. No cenário atual, é imprescindível investigar as convergências e ressignificações nos pilares conceituais da intertextualidade, que são operadas por força da inter/trans/textualidades midiáticas e que enfrentam os desafios metodológicos das práticas interdiscursivas, por força da convergência das linguagens e das mídias na era digital. Henry Jenkins explica,

Por convergência, refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam. (JENKINS, 2009, p. 29).

Ao criarem um novo paradigma emergente que entende a cultura digital como grande texto onde se inserem, labirinticamente, para além de outros discursos, nas

<sup>4</sup> Tradução: “[...] tem para si esse mérito específico de relançar constantemente obras antigas em um novo circuito de significação”.

várias linguagens das mídias e das artes, as práticas transmidiáticas permitem as transformações de ordem discursiva nos processos comunicacionais. Sendo assim, para o autor, a convergência ocorre dentro dos cérebros de consumidores individuais e em suas interações sociais com outros. Cada um de nós constrói a própria mitologia pessoal, a partir de pedaços e fragmentos de informações extraídos do fluxo multimidiático e transformados em recursos através dos quais compreendemos nossa vida cotidiana. O consumo tornou-se um processo coletivo. Jenkins acredita que “Nenhum de nós pode saber tudo, cada um de nós sabe alguma coisa; e podemos juntar as peças, se associarmos nossos recursos e unirmos nossas habilidades” (JENKINS, 2009, p. 30).

Tais reflexões implicam as trocas intersignificas vinculadas ao conceito seminal de intertextualidade; trocas essas que reconfiguram os diálogos interdiscursivos e interculturais de uma cultura inclusiva e aglutinante. A metodologia sugere a incorporação do pensamento dos teóricos selecionado às obras analisadas, buscando uma revisão dos conceitos de imitação e de influência, pois o texto dobra-se sobre si mesmo e sobre outros textos, de diferentes épocas, num jogo de espelhos e reverberações.

Dialogismo, polissemia, texto plural, escritura – estamos falando da mistura, da adaptação, da fusão de tradições culturais; é dessa tecitura de uma trama textual ou discursiva construída sobre referências anteriores. A partir do dialogismo bakhtineano às possibilidades dos diálogos enciclopédicos da mídia digital, novas formas narrativas irão surgindo, além de cada história original. Surgem narrativas mais complexas e fragmentadas, mas são os fragmentos que permitem aos consumidores, leitores e espectadores fazerem as próprias conexões, em seu ritmo particular e de acordo com o repertório de cada um. As narrativas plurais e polissêmicas da atualidade podem fazer referências, alusões e citações diretas ou implícitas a narrativas anteriores, a diferentes sistemas de crenças e podem juntar várias peças culturais de maneira inovadora. Essas negociações entre textos das mais diversas espécies e gêneros, recolocam elementos clássicos e tradicionais novamente em circulação. Seu valor surge a partir do processo de busca de sentidos possíveis; esse é o impulso transmídia que está no centro da cultura da convergência.

Nesse sentido, interessa-nos, particularmente o conceito de transmídia tratado no livro intitulado *Desafios da TRANSMÍDIA: processos e poéticas*, publicado em 2018 e organizado por João Massarolo, Lúcia Santaella e Sérgio Nesteriuk. O livro aborda inúmeras questões implicadas no tema da transmídia e seus desafios presentes.

Para Santaella (2018, p. 78-79) “os desdobramentos narrativos se constituem no DNA da narrativa transmídia. Um DNA que não dispensa o fato de que se trata de narrativa e não de outro tipo de discurso”. Esse é o ponto central da discussão, pois a pesquisadora afirma que a linguagem da narrativa é o que se sobressai na própria definição de transmídia: na passagem de um meio para outro, mantendo -se no eixo da temporalidade e na sucessão dos fatos narrativos. Santaella salienta que outros discursos (jornalístico, científico, técnico) poderiam até ser considerados “transmídia”, se seu conteúdo efetivamente

perpassar múltiplas mídias. Ou seja, a construção de narrativas transmídia supõe o uso e o entrelaçamento de determinados elementos discursivos nos textos que as compõem – sejam eles produzidos para uma mídia digital, ou não.

Todos os conceitos aqui explorados estão, explícita ou implicitamente, vinculados à questão da intertextualidade; constatação que nos permite acreditar que qualquer abordagem dos discursos midiáticos contemporâneos deve levar em conta que estamos diante de um novo tipo de texto, de caráter híbrido, a exigir uma abordagem inter e transdisciplinar.

## 4 | PONDERAÇÕES FINAIS

As argumentações aqui desenvolvidas, nos permitem retornar ao pensamento bakhtiniano e afirmar que não há enunciado que, de uma forma ou de outra, não reatualize outros enunciados. Os textos podem se conectar conforme o discurso implícito ou explícito presente, facilitando ou não a compreensão do leitor/espectador. Tanto a intertextualidade quanto a interdiscursividade e a transmidialidade são relações dialógicas e existem materializadas em textos caracterizados por formas ecléticas, disjuntivas e paródicas, na cultura da convergência. Esperamos que o desenvolvimento destas reflexões possa contribuir para o entendimento das linguagens inter/trans/midiáticas contemporâneas, em seu processo de criação, distribuição e recepção/leitura.

Cumpramos assinalar que toda reflexão sobre os jogos intersigníficos concentra-se na apresentação de cenário da questão através de indicadores empíricos definidos, além de lançar mãos da contribuição de autores com que dialoga na perspectiva do seu possível objeto de trabalho. Destaca-se finalmente, como uma das qualidades da nossa proposta, o fato de algumas das suas hipóteses se articularem com problemáticas de mercados audiovisuais emergentes e que estão sob os efeitos da mutação digital.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: O Contexto de François Rabelais*. São Paulo: AnnaBlume, 2002.

\_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

\_\_\_\_\_. *Questões da literatura e da estética: a teoria do romance*. São Paulo: UNESP, 1988.

ECO, Umberto. *Tratado Geral de Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 1980.

EIGELDINGER, Marc. *Mythologie et intertextualité*. Genève: Editions Slatkine, 1987.

GENETTE, Gérard. *Palimpsestes: la littérature au second degré*. Paris: Éditions du Seuil, 1982.

- \_\_\_\_\_. *Paratexts. Thresholds of Interpretation*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- HUTCHEON, Linda. *Poética do Pós-modernismo*. Imago: Rio de Janeiro, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Uma Teoria da Adaptação*. Florianópolis: Editora UFSC, 2011.
- JENKINS, Henry. *A cultura da convergência*. São Paulo: Aleph, 2009.
- KRISTEVA, Julia. *Introdução à Semanálise*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Termos-chave da Análise do Discurso*. Belo Horizonte: Ed.UFGM, 2000.
- MANOVICH, Lev. *The Language of New Media*. Cambridge: The MIT Press, 2001.
- RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor. Orgs. *Mikhail Bakhtin: Linguagem, Cultura e Mídia*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.
- SANTAELLA, Lúcia e ali (org.) *Desafios da transmídia: processos e poéticas*. São Paulo: Estação das Letras, 2018.
- STAM, Robert. *Bakhtin: Da Teoria à Cultura de Massa*. São Paulo: Ática, 1992.

## ÍNDICE REMISSIVO

### SÍMBOLOS

@covidphotobrazil 37, 38, 39, 41, 42, 43

@everydaybrasil 37, 38, 43, 44

### A

Adolescência 215, 216, 217, 219

Argumentação 18, 142, 145, 146, 147, 148, 149, 151, 153

Arte engajada 181

### B

Brasil 2, 3, 5, 10, 11, 12, 16, 24, 25, 26, 27, 35, 37, 38, 40, 42, 43, 44, 58, 59, 69, 96, 104, 105, 106, 115, 116, 118, 119, 120, 121, 122, 125, 126, 128, 129, 130, 134, 198, 200, 201, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 213, 216, 219, 227

### C

Cidade 24, 27, 40, 42, 43, 46, 51, 52, 56, 92, 93, 99, 106, 107, 170, 187, 192

Cinema expandido 154, 158, 159

Comunicação 1, 2, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 29, 37, 44, 46, 58, 59, 69, 71, 72, 73, 74, 75, 89, 94, 97, 101, 103, 106, 116, 118, 119, 128, 129, 130, 131, 132, 138, 141, 142, 143, 145, 147, 150, 151, 152, 153, 155, 156, 163, 166, 167, 181, 182, 183, 197, 198, 199, 201, 202, 203, 206, 207, 208, 211, 213, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 234

Comunicação científica 13, 15, 22, 23, 24

Concessionária 26, 29, 30

Convergências midiáticas 131

Covid-19 1, 27, 32, 35, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 117, 154, 155, 163, 164, 166, 217, 218, 219, 225, 227

### D

Desigualdade social 37, 38, 39, 42

Diário de um confinado 154, 155, 163, 164, 165

### E

Educação sexual 215, 216, 217, 218, 219

Ensino 17, 21, 93, 101, 145, 200, 215, 216, 217, 218, 219

Epistemologia 52, 168, 169, 180

Equipe 163, 219, 220, 222, 223, 224, 225, 226, 227

Espectatorialidade 168

Estética 12, 46, 47, 106, 107, 110, 111, 112, 114, 115, 135, 140, 150, 155, 157, 159, 161, 171, 175, 178, 181, 191, 192, 195, 196

Expressão 15, 46, 50, 51, 54, 56, 75, 102, 121, 126, 142, 145, 155, 159, 183, 194, 201

## **F**

Fotografia digital 37

## **G**

Gerações 104, 106, 116, 129

## **H**

Horror 168, 169

## **I**

Indústria criativa 13, 14, 15, 16, 17, 18, 21, 22, 24, 25

Interação 13, 18, 19, 21, 39, 109, 134, 154, 155, 157, 158, 160, 162, 164, 165, 167, 168, 172, 176, 177, 178, 219, 224

Interdiscursividades 131

Intertextualidades 131

## **J**

Jornalismo 2, 14, 20, 23, 37, 46, 58, 59, 64, 65, 69, 71, 142, 146, 152, 153

## **L**

Liderança 209, 220, 221, 222, 223, 225, 226, 227

Liderança Feminina 220, 221, 222, 226, 227

Linguagem audiovisual 104, 154, 155, 164, 165, 166

## **M**

Mecânica 26, 28, 29

Media 13, 36, 68, 71, 72, 73, 74, 75, 87, 95, 98, 99, 100, 101, 103, 132, 141

Mídias sociais 13, 14, 15, 18, 20, 21, 23, 24, 25, 202

Modernidade 46, 52, 56, 94, 107, 112, 115, 116, 132, 182, 196, 233

Mojica 168, 169, 171, 174, 178, 179

MTV 104, 105, 106, 110, 111, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130



## **N**

Narrativa 139, 154, 155, 157, 159, 160, 161, 162, 163, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 174, 177, 178, 182, 196, 205, 229, 231, 233

## **P**

Pandemia 1, 26, 27, 28, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 113, 154, 155, 163, 164, 166, 215, 217, 218, 219, 225, 227

Peirce 121, 124, 130, 142, 143, 144, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153

Política 13, 15, 20, 24, 57, 62, 64, 67, 73, 103, 106, 115, 118, 145, 155, 181, 182, 188, 191, 192, 195, 196, 201, 213

## **R**

Representação 38, 46, 47, 49, 50, 51, 55, 56, 99, 121, 124, 158, 159, 160, 176, 185

Retórica 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153

Retórica especulativa 142, 150, 151, 152

## **S**

Semiótica 118, 119, 121, 129, 130, 140, 142, 143, 144, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 162, 163, 166, 167

Serra da Estrela 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103

Serviços 13, 15, 16, 17, 18, 19, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 110, 155, 156

Sociosemiótica 154, 160, 162, 167

## **T**

Tecnologias 32, 36, 48, 73, 154, 155, 156, 159, 160, 219, 220, 223, 224, 225, 226

Televisão 16, 48, 62, 74, 107, 108, 110, 112, 113, 115, 116, 118, 119, 120, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 135, 154, 155, 157, 159, 163, 164, 208

Temporalidade 139, 181, 182, 183, 195

Teorias da comunicação 25, 71, 72, 73, 101, 130





Transmidialidades 131

## **U**

Unipampa 13, 14, 15, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 25


## **V**

Veículo 26, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 65

 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
 @atenaeditora  
 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](http://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)



DIMENSÕES  
ESTÉTICAS,  
COGNITIVAS E  
TECNOLÓGICAS  
DE COMUNICAÇÃO

 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
 @atenaeditora  
 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](http://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)



DIMENSÕES  
ESTÉTICAS,  
COGNITIVAS E  
TECNOLÓGICAS  
DE COMUNICAÇÃO